

Discurso sobre o colonialismo de Aimé Césaire: uma chave de leitura feminista latino-americana descolonial¹

Discurso sobre el Colonialismo de Aime Césaire: una lectura
em clave de feminismo latinoamericano descolonial

Mara Viveros Vigoya

Coordenadora da Escuela de Estudios de Género
Departamento de Antropología, Facultad de Ciencias Humanas
Universidad Nacional de Colombia

Tradução:

Angela Facundo Navia

Professora do Departamento de Antropologia
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Revisão Técnica:

Luis Meza Álvarez

Pós-doutorando do Programa de Pós-Graduação em
Antropologia Social
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Agradecimentos e palavras iniciais

É uma grande honra e um imenso prazer estar hoje com vocês graças ao convite feito pela minha colega e amiga, a professora Angela Facundo, no contexto da Aula Inaugural do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Me sinto muito feliz de me vincular ao seu novo âmbito de

trabalho e às tarefas que constroem esse Programa e de fazê-lo com essa reflexão sobre um dos textos inaugurais do que hoje chamamos de giro descolonial: *O Discurso sobre o Colonialismo*, de Aimé Césaire.

Hoje vou falar para vocês sobre esse Discurso e sobre Aimé Césaire, uma pessoa cujo pensamento e criação literária tornaram-se um emblema da consciência antirracista e anticolonial no mundo; um pensador caribenho, nascido na Martinica, uma ilha que faz parte das Antilhas Menores e está localizada a menos de mil milhas da Colômbia. Porém, por ter sido colonizada por uma potência europeia diferente da espanhola ou portuguesa, a Martinica parece distante de nossas realidades. Essas são as separações criadas pelo colonialismo. Ciente disso, tenho procurado contribuir para que o pensamento de Césaire ganhe terreno na América Latina traduzindo para o espanhol suas obras políticas. Hoje farei referência a uma delas, intitulada *Discurso sobre o Colonialismo*, a sua relevância para o mundo afro-latino-americano e a sua potencial contribuição para os projetos feministas descoloniais latino-americanos contemporâneos.

Essa apresentação está organizada em três partes: a primeira oferece um relato do trabalho de Césaire onde salienta que sua resposta em nome dos povos colonizados ao projeto de civilização europeu é ao mesmo tempo uma réplica situada em termos históricos e uma proposta pertinente e profética para a sociedade contemporânea. A segunda examina as tensões e dilemas colocados por suas demandas por uma igualdade que reconheça as diferenças. Ao mesmo tempo que identifica algumas das contribuições do *Discurso sobre o Colonialismo*, reconhece sua omissão das questões que hoje em dia chamaríamos de gênero – como parte das reclamações das vozes colonizadas e como uma das diferenças que é preciso aceitar e incluir nelas. Uma terceira parte aponta o que os movimentos feministas latino-americanos, especialmente os feminismos descoloniais e antirracistas, poderiam aprender de sua proposta teórico-política e a forma em que poderiam trabalhar com o pensamento de Aimé Césaire, e para além dele.

Introdução

O dia 26 de junho de 2013 marcou o centenário do nascimento de Aimé Césaire, o escritor e líder político martinicano que nunca parou de lembrar ao mundo quanta coragem é necessária para se fazer respeitar a dignidade de uma pessoa e a de todo um povo. Sua prolífica obra, traduzida para muitas línguas, e sua ampla influência literária e política em distintos contextos são, paradoxalmente, o fruto de um ferrenho compromisso

com seu “país natal”, como ele mesmo o chamou. Embora se fale muito de Césaire como intelectual, poeta e escritor, seu pensamento político é menos conhecido. Não obstante, Aimé Césaire foi um dos principais promotores do movimento da negritude desde meados da década de 1930 e o lutador de uma vida contra o colonialismo. *Discurso sobre o colonialismo* foi publicado em 1950 almejando questionar o futuro da humanidade, após o horror absoluto da Segunda Guerra Mundial.

A publicação da tradução para o espanhol em 2006, pela editora Akal de Madri, permitiu ao público hispanofalante se familiarizar com a produção intelectual de um autor que antecipou muitas das críticas que mais tarde foram formuladas pelas teorias pós-coloniais e descoloniais. De fato, nesse livro Césaire desvelou os primeiros pressupostos epistemológicos do universalismo ocidental e formulou uma das críticas mais devastadoras da Era do Iluminismo e suas formas de exclusão e hierarquia. Escrito pouco depois da Segunda Guerra Mundial, *Discurso sobre o colonialismo* é um dos mais fortes questionamentos ao colonialismo e ao racismo como vetores consubstanciais ao capitalismo e à modernidade ocidental; inclusive, poderia ser considerado como um precursor das críticas ao pensamento e às práticas internacionais de desenvolvimento.

Este trabalho de Césaire, à luz do presente, oferece uma profundidade histórica e uma genealogia teórico-política necessárias para a compreensão dos debates atuais sobre colonialismo e colonialidade, identidade e alteridade. Meu objetivo hoje não é propor uma leitura reverente e nostálgica do seu trabalho, mas tentar restituir sua riqueza, em todas suas contradições; como um dos testemunhos mais lúcidos dos grandes acontecimentos do século XX e como fruto de uma das trajetórias biográficas e intelectuais mais ricas desse período. Césaire escreveu *Discurso sobre o Colonialismo* em um momento crucial e sua perspicaz leitura do momento lhe permitiu antecipar a forma que iria tomar essa nova ordem mundial, marcada pela queda da Europa e a emergência da hegemonia estadunidense.

Antes de continuar, vale a pena colocar alguns elementos da sua trajetória biográfica e intelectual. Aimé Césaire nasceu em 1913 em um pequeno município da Martinica, pequena ilha do Caribe que durante vários séculos foi uma colônia francesa. Depois de terminar o ensino médio em *Fort-de France*, Césaire viajou para Paris em 1931, com 18 anos, onde estudou em alguns dos “templos do saber” mais prestigiosos da França – como era considerado o *Lycée Louis-Le-Grande* de Paris – onde conheceu Léopold Sedar Senghor, que seria o primeiro presidente do Senegal após a independência. No Liceu, forjaram uma forte amizade ao redor das lutas comuns em torno da Negritude, conceito ideado por

Césaire para se opor ao projeto francês da assimilação cultural e fomentar a cultura africana, desprestigiada pelo racismo surgido da ideologia colonialista. Enquanto fazia seus estudos na *Ecole Normale Supérieure*, virou membro muito ativo da intensa e vibrante vida artística e intelectual pela qual Paris era conhecida na época.

De volta na Martinica, Césaire escreveu em 1939 uma das suas obras mais conhecidas, o poema *Caderno de um retorno ao país natal*, considerado por André Breton como “o maior monumento lírico do seu tempo” (LOUIS, 2004). Como professor de ensino médio, exerceu uma grande influência na juventude da sua ilha e teve estudantes tão destacados como Frantz Fanon. Voltou a Paris no final de 1945, eleito como deputado do Partido Comunista Francês. Nesse cargo se destacou como fervoroso defensor da departamentalização da Martinica e outras três colônias francesas: Guadalupe, Guiana e Ilha da Reunião, conseguindo a aprovação da lei que sancionou o fato em março de 1946. Entre 1946 e 1950 publicou quatro livros, entre eles, um se destaca pelo seu posterior impacto e pela força e singularidade do tom utilizado, veemente e mordaz: vocês já terão adivinhado, trata-se do *Discurso sobre o colonialismo*. Até o momento de sua morte em 2008 não deixou de escrever teatro, poesia, ensaios e de participar na vida política da sua ilha natal.

Césaire sempre utilizou a cultura para combater o colonialismo, dirigiu e modelou a língua francesa como poucos escritores fizeram, resgatando e ressignificando arcaísmos, criando neologismos e explorando um vocabulário rico e extenso proveniente de diversas paisagens culturais, assim como poéticas histórias europeias, africanas e antilhanas, em função do que precisava expressar ou impugnar. Pelos desafios que encontrei como tradutora desse texto, posso entender por que se afirma que os elementos do estilo literário de Césaire não são apenas uma forma de conhecimento emocional, mas também uma epistemologia alternativa que busca “criticar a razão abstrata e a racionalidade instrumental, [sem] rejeitar a razão como tal” (WILDER, 2013).

Três pilares do *Discurso sobre o colonialismo*

Há três aspectos presentes no *Discurso sobre o Colonialismo* que me parecem fundamentais como contribuições de Césaire ao pensamento sobre o que hoje é chamado de colonialidade. O primeiro é a crítica ao eurocentrismo, expressada na sua análise e interpretação da história europeia da metade do século XX. O segundo é a proposta teórico-política da descolonização, como uma terceira via que se abre no pós-guerra,

formulada a partir do ponto de vista dos grupos sociais que foram excluídos da Modernidade. O terceiro é a pertinência de seus questionamentos sobre as tensões e dilemas sempre atuais em torno das demandas de igualdade e de reconhecimento das diferenças.

Uma leitura não eurocêntrica da história europeia

Discurso sobre o Colonialismo começa com um diagnóstico descarnado dos efeitos devastadores do colonialismo sobre os colonizadores: “Uma civilização que se mostra incapaz de resolver os problemas que provoca seu funcionamento é uma civilização decadente”. Alguns parágrafos mais adiante Césaire escreve com paixão: “Europa é indefensável”. E continua:

Teria que ser estudado, em primeiro lugar, como a colonização trabalha para descivilizar ao colonizador, para abrutalhá-lo no sentido literal da palavra, para degradá-lo, para despertar seus recônditos instintos em prol da cobiça, a violência e o ódio racial, o relativismo moral (CÉSAIRE, 2006a, p. 15).

A partir dessas premissas, Césaire aponta os estreitos vínculos que unem o nazismo e o projeto da modernidade ocidental, construído ao redor da expansão moderna/colonial europeia. Fazendo isso, “coloca no centro da interpretação do nazismo o assunto da colonialidade inerente ao sistema capitalista mundial” (GROSFUGUEL, 2006, p. 148). Como analisado por Césaire, o nazismo não é uma excrescência, nem uma exceção da história europeia, mas o efeito último de uma civilização que justifica a colonização sem perceber os perigos do asselvajamento que traz consigo. As hierarquias estabelecidas entre europeus e não europeus, vigentes desde finais do século XV, permitiram e autorizaram o desprezo ou a absolvição dos procedimentos racistas coloniais. A colonização, como realidade longínqua, permitiu ocultar simbolicamente a violência exercida sobre os povos não europeus, percebidos como menos humanos.

Contudo, Césaire conseguiu enxergar a continuidade entre os métodos utilizados pelo nazismo: genocídio, racismo, exploração coercitiva do trabalho, massacres, torturas, e as técnicas legitimadas e aplicadas aos indígenas da América, os escravos africanos e os povos colonizados. Césaire, da mesma forma que outros pensadores negros americanos e caribenhos antes dele como W. E. Dubois e C. L. R. James, percebeu o fascismo e o

nazismo como aplicações das técnicas de poder coloniais às populações europeias e pensou o racismo como um traço constitutivo do sistema capitalista.

Ramón Grosfoguel (2006) observa que Césaire soube enxergar e fazer ouvir os processos que permaneceram invisíveis e imperceptíveis aos intelectuais europeus, porque seu pensamento vinha “do outro lado da diferença colonial” (nas palavras de MIGNOLO, 2002) e da clareza com que o sujeito colonizado percebe a ideia europeia de civilização. Assim, para esses pensadores negros, o que a Europa descreveu como nazismo não era mais do que o efeito bumerangue do colonialismo.

A análise de Césaire evidencia que a produção de conhecimento não está desligada da localização geográfica e corporal do sujeito que enuncia, e que essa ancoragem é a que permite questionar o mito universalista que oculta quem fala e qual é a localização epistêmica nas estruturas de poder a partir da qual esse sujeito fala. A ocultação desse lugar de enunciação é o que possibilita a expansão colonial, a dominação e a construção de hierarquias entre civilizações. Nesse sentido, Césaire abonou o terreno do que depois constituiria “a epistemologia do ponto de vista feminista negro”. Como argumenta Patrícia Hill Collins (1989), não há pensamentos sem experiência e são essas experiências particulares das mulheres negras que estimulam uma consciência feminista negra, quer dizer, uma forma particular de interpretar as realidades vividas.

Para Césaire, a única redenção possível para Europa como civilização moribunda é se revitalizar por meio de suas interações com o “Terceiro Mundo”. Além disso, como aponta, os desastres provocados pela colonização já estão incorporados e inclusive estendidos, e a Europa está afogada no *modus operandi* do neoimperialismo e do capitalismo estadunidense. Da perspectiva atual, em muitos sentidos, o que temia Césaire se tornou uma realidade, nesse contexto e a partir de um lugar como a América Latina, tem muito sentido voltar-se à obra de Césaire. Uma lição entre as muitas que podemos tirar do *Discurso sobre o Colonialismo* é entender que muitos dos efeitos das crises do capitalismo que hoje sofre a região, os assuntos financeiros, ecológicos e de soberania alimentar, assim como o modelo energético depredador, foram forjados no período descrito por Césaire.

Uma terceira via para além da polarização depois da guerra: a descolonização

Depois do horror da Segunda Guerra Mundial, da perspectiva de Césaire, tinha chegado a oportunidade de que a Europa aprendesse lições valiosas e começasse a trabalhar em prol de sua redenção, pelo seu próprio bem, mas também em prol dos povos

colonizados. Porém, a dinâmica global do pós-guerra enfrentou desafios particulares que não deram prioridade à visão de Césaire e à difícil situação dos povos colonizados que ele representava.

A Doutrina Zhdanov de 1947 definiu o mundo como dividido em dois campos: o mundo capitalista – que representava a guerra e o expansionismo militar, econômico e político dos Estados Unidos, que não apenas foi considerado o defensor da Europa, mas que a substituiu como o novo poder hegemônico – e o mundo socialista – que representava a paz e as forças democráticas progressistas do mundo, reunidas ao redor da União Soviética. Essa análise entendeu o comunismo como uma forma viável de construir um futuro diferente, fora de uma Europa fascista ou liberal. Não obstante, o comunismo ignorou uma contradição que atravessava o campo do capitalismo, qual seja, a oposição entre os povos colonizados da Ásia e da África e as nações imperialistas, protegidas pelos Estados Unidos.

O reproche que formulou Césaire, em resposta a essa análise, foi que não foram priorizadas as demandas dos povos colonizados (AMIN, 2006). A proposta de descolonização como plano implícito no *Discurso sobre o Colonialismo* representa um método alternativo às opções geopolíticas surgidas depois da Segunda Guerra Mundial. Essa escolha é o que Nelson Maldonado-Torres (2004), seguindo a Frantz Fanon, chamou de “a porta dos condenados da terra”.

O julgamento de Césaire sobre uma Europa que oculta de si mesma a verdade da realidade e que permanece indiferente à violência enquanto não seja exercida em casa é drástico. Para Césaire, o conhecimento que possuem as populações escravizadas e colonizadas pela Europa pode abrir uma terceira via, a da descolonização, e a de um novo tipo de raciocínio crítico sobre as mentiras e os enganos do projeto civilizatório europeu. A tomada de consciência dessa singularidade por parte dos colonizados é o que impede que a questão colonial possa ser tratada como parte de uma luta mais importante, como formulava o comunismo. A esse respeito, é muito significativa e elucidativa a carta que Césaire dirigiu em 1956 ao então secretário do Partido Comunista francês, Maurice Thorez, apresentando sua desfiliação do partido e apontando alguns dos bem visíveis defeitos de seus membros:

Seu assimilacionismo inveterado; seu chauvinismo inconsciente; sua convicção apenas primária – que compartilham com os burgueses europeus – da superioridade onilateral de Ocidente; sua crença em que a evolução, tal como desenvolvida na Europa, é a única possível; a única desejável; aquela pela qual o

mundo inteiro deverá passar; para dizê-lo com toda clareza, sua crença ocasionalmente confessa, mas não menos real, na Civilização com maiúscula; no Progresso com maiúscula. (CÉSAIRE, 2006b)

Nessa carta, Césaire explica sua decisão nos seguintes termos:

Creio ter dito o suficiente para que se compreenda que não é nem do marxismo, nem do comunismo do que renego, que o que reprovo é o uso que alguns têm feito do marxismo e do comunismo [...]. Que quero que marxismo e comunismo sejam colocados ao serviço dos povos negros e não os povos negros ao serviço do marxismo e do comunismo. Que a doutrina e o movimento sejam feitos para os seres humanos e não os seres humanos para a doutrina e para o movimento. A alternativa que abre a proposta descolonizadora nasce da constatação de que “não é possível outorgar a ninguém a delegação para pensar pelos povos colonizados”. Que nenhuma doutrina é legítima se não é repensada por nós, repensada para nós, transformada por nós. (CÉSAIRE, 2006b)

Universalismo abstrato, universalismo concreto: igualdade e diferença

O terceiro aspecto que desejo destacar da proposta de Césaire é a pertinência de suas perguntas sobre as tensões e dilemas ao redor das demandas de igualdade e de reconhecimento das diferenças. Um dos primeiros atos políticos importantes de Césaire foi a exigência da departamentalização da Martinica em 1946. Em entrevista realizada em 2003, Césaire justifica essa petição da seguinte forma: “Pedi a departamentalização da Martinica porque essa ideia era mais social do que política. O que queriam os martinicanos em seu conjunto, que então explodiam literalmente de fome, era obter salários equivalentes aos dos franceses da França. Eram as leis sociais aplicadas na França, votadas, mas não aplicadas na Martinica. Era todo esse pacote social a que aspiravam os martinicanos...” (LOUIS, 2004, p. 51).

Não obstante, a lei de março de 1946 que findava o estatuto colonial da Martinica, Guadalupe, Guiana e a Ilha da Reunião, as transformando em departamentos foi rapidamente esvaziada do seu sentido. Por um lado, porque a aplicação da lei e das melhorias sociais associadas foram adiadas em múltiplas ocasiões. A igualdade de direitos sociais, por exemplo, só foi adquirida plenamente no final dos anos noventa e a grande greve geral de 2009 em Guadalupe destacou as persistentes desigualdades e divisões sociais e econômicas entre o continente e os territórios ultra-periféricos (BONILLA, 2009; BONILLA, 2013). Mas também porque as políticas de assimilação cultural praticadas pela

República Francesa desconhecera a especificidade da história e da cultura próprias dessas localidades. O descumprimento da lei de 1946 remete ao lado oculto da democracia, às dificuldades que experimenta a República Francesa perante a diversidade de sua população. Dar visibilidade a sua presença significava revelar uma diversidade e uma alteridade que colocava em xeque um nacionalismo étnico-racial.

Para toda uma geração, porém, a lei de 1946 permanece na memória como um acontecimento vergonhoso. Alguns intelectuais martinicanos, como o escritor Raphaël Confiant, a descrevem como a encarnação de uma traição às promessas e expectativas que gerou sua promulgação. Para Confiant, essa lei pesa como um “pecado original” sobre as Antilhas (CONFIANT, 1994, p. 32). Essa recriminação estava acompanhada de um desapontamento e de uma frustração; as de ter que viver num país submetido permanentemente a uma lógica sobre a qual se tem pouco controle porque ela é determinada em outro lugar (VERGÉS, 2005). Entretanto, independentemente dessas críticas, é importante esclarecer que a proposta de Césaire não era assimilacionista. Césaire tentou prosseguir o que Gary Wilder (2015) chama de “visão precoce” da autodeterminação sem soberania estatal. Esse projeto, que ele chamou de “abolição via integração”, foi se transformando ao longo do tempo e passou da busca da assimilação política por meio da departamentalização para a busca da autonomia política por meio do federalismo cooperativo.

Contudo, a cada ocasião, seus objetivos políticos predominantes foram os mesmos: a emancipação dos antilhanos na nova ordem da Guerra Fria, baseada na autogestão, a autonomia política e a autossuficiência econômica, assim como a plena cidadania francesa. Por razões pragmáticas e de princípios, determinou que um estado nacional territorial não era a melhor forma de atingir esses objetivos naquele período. Como ele disse inúmeras vezes: “Não pedíamos para nos transformarmos em outros, pedíamos para ser seus iguais, adquirir seus mesmos direitos cidadãos”. Ao formular essa demanda, Césaire apontou as contradições inerentes ao modelo republicano francês e as dificuldades produzidas ao tentar traduzir em medidas concretas esse universalismo abstrato. Para Césaire, um verdadeiro universalismo teria que ser um universalismo concreto ou situado, ancorado na “experiência vivida” dos antilhanos.

A lei de 1946 e sua aplicação quase impossível deixaram ao descoberto toda a dificuldade da República Francesa para conjugar igualdade e alteridade e toda a ambiguidade do projeto colonial no pós-guerra. As perguntas formuladas pela lei de 1946 conservam grande atualidade: É possível ser iguais e diferentes em um mesmo território?

Pode a República Francesa aceitar como iguais aquelas e aqueles que foram por ela colonizados? Essas são também as perguntas que numerosos pesquisadores e ativistas lhe formulam atualmente à República Francesa, a propósito dos recentes debates sobre a memória da escravidão, as reparações e o colonialismo.

Relendo o *Discurso sobre o Colonialismo* hoje

Rer *Discurso sobre o Colonialismo* hoje é participar de uma tarefa genealógica do pensamento anticolonial e decolonial. Esse texto já anunciava o debate formulado atualmente em torno de um mundo mais justo e sem racismo; propunha o que hoje é conhecido como o giro decolonial e a decolonialidade, entendidos como “o desmonte das relações de poder e de concepções de conhecimento que fomentam a reprodução de hierarquias raciais, geopolíticas e de gênero que foram criadas ou que enunciaram novas formas de expressão no mundo moderno/colonial” (MALDONADO TORRES, 2006, p. 175).

Não obstante, como todo texto político conjuntural, *Discurso sobre o Colonialismo* tem algumas afirmações que perderam atualidade. É verdade, por exemplo, que Césaire cedeu à ilusão de descrever com certo angelismo a descolonização como possibilidade de um porvir paradisíaco em que o mal encarnado pelo poder colonial seria derrotado pelo bem encarnado pelos povos colonizados. Na obra, ele opôs de forma sistemática a inocência e grandeza dos povos colonizados à brutalidade criminal dos colonizadores.

Também é verdade que, embora Césaire, à diferença de muitos do seu tempo, tenha sido crítico do viés eurocêntrico da hegemonia da episteme “ocidental”, não conseguiu achar um nome, como muitos homens do seu tempo, para o caráter androcêntrico do pensamento europeu, nem para as hierarquias de gênero existentes dentro das comunidades negras. Inclusive, na sua própria obra, não reconheceu as contribuições realizadas pela sua companheira, Suzanne Roussi Césaire, a seu pensamento descolonial e a seu trabalho sobre a Negritude.

Suzanne Roussi Césaire foi uma intelectual engajada, uma militante convicta da identidade antilhana e uma talentosa escritora. Foi a maior inspiradora de Aimé Césaire e a sutil mediadora de estimulantes e profundas trocas e encontros políticos e intelectuais como os que aconteceram naquele período com André Breton, Michel Leiris, Wilfredo Lam. O tempo que ela passou no Haiti exerceu uma grande influência em seu modo de

examinar a relação colonial entre a Martinica e a França, não mais como um fato singular, mas como parte de uma mesma relação com as ilhas do Caribe em seu conjunto.

Essa viagem lhe permitiu, igualmente, compreender seu potencial para gerar um renascimento cultural e político antilhano, a partir de um posicionamento mais interessado nas Antilhas como espaço de convergência de influências complexas e multiculturais do que em um retorno a um passado africano idealizado, como propunham outros escritores da Negritude (JOSEPH-GABRIEL, 2016, p. 3). Fica evidente a influência que pode ter exercido sua própria trajetória no pensamento de Césaire.

O lugar da “mulher negra” na criação e desenvolvimento da Negritude

Pessoalmente, senti falta no *Discurso sobre a negritude* de um reconhecimento explícito à contribuição das mulheres a quem Césaire considera em sua poesia como “a memória da espécie” e como as colunas centrais da cultura. Césaire não reconheceu em seus textos políticos o lugar de mulheres como Jeanne e Paulette Nardal na criação e desenvolvimento do movimento da Negritude. Não se deve ignorar o papel central que desempenhou Paulette Nardal como intermediária entre os intelectuais negros estadunidenses, em particular os do movimento conhecido como o Renascimento de Harlem, e o movimento francófono, e seu papel na divulgação das ideias em ambas as direções. Césaire desestimou o papel que teve o salão literário das irmãs Nardal nessa dinâmica, descrevendo-o somente como “algo mundano, um tanto quanto superficial e esnobe” (LOUIS, 2003).

Por outro lado, não pode ser ignorado que a perspectiva crítica do *Discurso sobre a negritude* não incluiu as particularidades de gênero como fonte de diferenças de poder e desigualdades sociais. Esse texto, que aponta que a negritude pode ser definida, em primeiro lugar, como “tomada de consciência da diferença, como memória, como fidelidade e como solidariedade” (CÉSAIRE, 2006c [1987], 87), não questiona a ideia de que o olhar masculino pretende ser universal e representar toda a humanidade, ignorando e ocultando as diferenças de gênero, sua memória particular. Em 1932, sete anos antes do uso que Césaire faz do termo “Negritude” no *Diário de um retorno ao país natal*, Paulette Nardal tinha publicado na *La Revue du Monde Noir* um artigo intitulado “Despertar da consciência racial” no qual ela já sublinhava a necessidade de criar um sentimento de solidariedade para fortalecer a consciência e a identidade racial.

As irmãs Nardal, por suas especificidades e suas circunstâncias de vida em Paris, exiliadas, solitárias e sem dúvida confrontadas com as teorias e práticas sexistas da época,

compreenderam a necessidade de trabalhar de forma concreta pelo princípio e sentimento de solidariedade entre os diferentes grupos negros espalhados pelo mundo e pela reabilitação subjetiva das pessoas negras, afetadas pela visão do Negro como o Outro. Porém, como outros pensadores da sua época, Césaire não soube perceber a profundidade do seu pensamento, nem a forma em que as lógicas de opressão de gênero se imbricavam na consciência e na identidade racial e só fez referência a uma delas, a opressão colonial.

Contudo, esse ponto cego da sua visão não pode nos dissuadir de ler sua obra, pelo contrário, nos convidar a refletir mais profundamente sobre a noção de colonialidade (do poder, do conhecimento e do ser) e a nos interrogarmos sobre o lugar e as modalidades que o racismo epistêmico tem adotado nas sociedades contemporâneas.

Uma compreensão latino-americana do pensamento político de Césaire

A partir de América Latina, a Colômbia ou o Brasil, ler Aimé Césaire é tomar consciência das propostas originais e criativas que podem oferecer os povos colonizados e os grupos subalternos (grupos racializados, mulheres, LGBTQ+) por seu privilégio epistêmico de poder observar elementos de realidade que os grupos dominantes se resistem a enxergar, mostrando os pontos cegos de sua visão. Desde o começo, o pensamento descolonial latino-americano acolheu o convite de Césaire para pensar no colonialismo e no racismo como vetores consubstanciais de opressão, tanto do capitalismo quanto da modernidade ocidental. Da mesma forma, os movimentos de mulheres indígenas e negras têm desenvolvido uma convergência promissora entre as agendas de políticas feministas e as do campo dos estudos de descolonialidade. Essa perspectiva tem se desenvolvido na América Latina toda, reinterpretando a história a partir de um posicionamento crítico da modernidade, não apenas por seu androcentrismo e misoginia – como tem feito a epistemologia feminista clássica –, mas também pelo seu caráter intrinsecamente racista e eurocêntrico (ESPINOSA; GÓMEZ; OCHOA, 2014).

Todavia, o potencial contra-hegemônico dessa convergência pode dar mais um passo na sua expansão simbólica e prática de, pelo menos, quatro maneiras: recolhendo as contribuições do conhecimento comunitário que têm surgido à margem das epistemologias ocidentais modernas e do eurocentrismo; considerando o tipo de ato político que realizam essas mulheres a partir de círculos “resistentes ao poder” em todos os níveis de opressão – raça, sexo e classe; potencializando as identidades de coalizão, por meio de diálogos criativos que reconstróem a tessitura de pensamentos, fazeres e sentimentos coletivos que o colonialismo destruiu (LUGONES, 2005, p.70); finalmente,

incluindo a crítica que têm formulado contra o antropocentrismo por ter ignorado a eco-dependência dos seres vivos e ter afirmado a centralidade do humano como ideologia que legitima a exploração da natureza (MELLOR, 2000).

O projeto feminista descolonial

O projeto feminista descolonial na América Latina exige que as dimensões culturais, linguísticas, de espiritualidade e cosmovisão dos grupos indígenas e afrodescendentes sejam incorporadas como processos de enriquecimento e expansão da luta pelos direitos de todas e todos, que a crítica às políticas neoliberais, ao novo extrativismo capitalista, e a defesa do território e a biodiversidade se entrelacem com as lutas pela proteção dos direitos culturais e os saberes ancestrais (MINA et al., 2015).

As mulheres indígenas e afrodescendentes “estão desenvolvendo suas próprias teorias sobre os direitos coletivos de seus povos e os direitos das mulheres, assim como a construção de novos imaginários sobre as formas de expressar o que é a justiça social. Estes [...] servem como bússola para orientar novos caminhos de resistência e rebelião” (RED DE FEMINISMOS DESCOLONIALES, 2014, p. 456). Movimentos e propostas feministas descoloniais estão desestabilizando tanto o eurocentrismo prevalente no feminismo acadêmico canônico quanto as hierarquias raciais e de classe que têm sustentado seu lugar hegemônico.

No caso colombiano, o conflito armado e a depredação capitalista impuseram às mulheres indígenas, afrodescendentes e empobrecidas custos muito altos, em termos de deslocamento forçado, violência sexual, assassinatos seletivos e perseguição política, em razão de sua participação ativa na defesa das suas terras ancestrais. Igualmente, todos os atores armados do conflito colombiano, sem exceção, transformaram seus corpos em territórios em disputa. A reflexão de Césaire sobre as formas da barbárie, subalternização e apropriação sofridas pelos corpos e pelos povos colonizados durante os séculos de constituição do mundo ocidental, pode nos ajudar a compreender os vínculos históricos entre o colonialismo, a discriminação e a violência generalizada infligida às mulheres a partir dessas formas de apropriação social de seus corpos.

Aliás, o problema contemporâneo do extrativismo na América Latina e em outras partes do Sul global é exatamente o que Césaire temia que surgisse após a Segunda Guerra Mundial, afirmação que foi recebida naquele momento como uma simples enunciação militante sem fundamento teórico. Isso obedece, em parte, a que Aimé Césaire levou os

sujeitos colonizados para o campo da teoria, o que não era aceito então. Também não o foi quando, quarenta anos depois, a feminista materialista francesa Colette Guillaumin (1995) teorizou seu conceito de classe de sexo a partir da analogia existente entre mulheres, escravos e sujeitos colonizados, como indivíduos intercambiáveis.

Enfoques como os de Césaire e Guillaumin enfatizaram o caráter material-corpóreo da colonização e a forma pela qual ela se manifesta em apropriação dos corpos, do trabalho e seus produtos, e dos territórios dos seus súditos colonizados, homens e mulheres. Atualmente, os feminismos descoloniais latino-americanos estendem o alcance desses enfoques ao desvendar o funcionamento da colonialidade do poder em torno de uma matriz de poder, dominação e exploração que, mesmo tendo sua origem no sistema político colonial, assume novas formas para continuar existindo e se reproduzindo no mundo contemporâneo.

A modo de conclusão

Com essa conferência busquei oferecer uma leitura de temas chaves no pensamento político de Césaire sobre as relações entre colonialismo e racismo e formular novas maneiras de abordar e trabalhar com o pensamento de Césaire hoje, dada sua vitalidade política. O reconhecimento de sua falta de atenção às relações entre sexo e raça e às teorias produzidas por mulheres negras surge de um compromisso contemporâneo com uma compreensão mais complexa da opressão e da dominação. A abordagem desse tema, além disso, tem a intenção de gerar um diálogo franco entre a teorização do colonialismo de pensadores visionários como Césaire e a teorização feminista descolonial atual. Uma conversa na qual a especificidade da subalternização vivida pelas mulheres e pessoas racializadas não conformes com o gênero não fique silenciada pela voz do sujeito masculino das lutas descolonizadoras.

A partir desta Abya Yala / América Ladina podemos escutar o chamado que faz *Discurso sobre o Colonialismo* para transformar o universal abstrato em pluriversal concreto, que descolonize a modernidade eurocentrada e possibilite que todas as identidades coletivas particulares, sem exceção, possam aprofundar suas singularidades, “não para afundar em uma sorte de solipsismo comunitário ou no ressentimento” como afirma Césaire, mas para desdobrar todas suas possibilidades vitais e “avançar na conquista de uma nova e mais ampla relacionalidade que dê lugar a todos os *outros* mundos possíveis.

Nota:

1. O conteúdo deste texto se originou na palestra ministrada em castelhano em 15 de outubro de 2020 no contexto da Aula Inaugural do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Brasil). A palestra foi baseada no meu artigo "The political vitality and vital politics of Césaire's *Discourse on Colonialism*: A reading in light of contemporary racism" publicado em *The Sociological Review*, v. 68, n.3, p. 476-491, em agosto de 2019. Introduzi variações relacionadas à adequação do texto para o formato oral e ao objeto de sua apresentação, focada numa leitura do *Discurso sobre o colonialismo*, de Aimé Césaire na chave do feminismo latino-americano descolonial.

Referências:

AMIN, Samir. De la crítica del racialismo a la crítica del euroccidentalismo culturalista. In: CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre el colonialismo*. Madrid, España: Akal, 2006.

BONILLA, Yarimar. Guadeloupe, labor protest. In: NESS, I. (Ed.). *International encyclopedia of revolution and protest*. Oxford, UK: Blackwell, 2009.

BONILLA, Yarimar. Césairean transcripts. Counter-response by Yarimar Bonilla [Prompt: Whither or whether postcolonial sovereignty?]. 2013. Disponível em: <http://cesairelegacies.cdrs.columbia.edu/political-legacy/thinking-with-aime-cesaire>. Acesso em 25 jul. 2019.

CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre el colonialismo. In:_____. *Discurso sobre el colonialismo*. Madrid, Spain: Akal, 2006a.

CÉSAIRE, Aimé. Carta a Maurice Thorez. In:_____. *Discurso sobre el colonialismo*. Madrid, España: Akal, 2006b.

CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre la negritud. Negritud, etnicidad y culturas afroamericanas. In:_____. *Discurso sobre el colonialismo*. Madrid, Spain: Akal, 2006c.

CONFIANT, Raphael. *Aimé Césaire. Une traversée paradoxale du siècle*. Paris, France: Stock, 1994.

ESPINOSA MIÑOSO, Yuderkys; GÓMEZ CORREAL, Diana; OCHOA MUÑOZ, Karina. (Eds.). Introducción. In:_____. *Tejiendo de otro modo: Feminismo, epistemología y apuestas descoloniales en Abya Yala*. Popayán, Colombia: Editorial Universidad del Cauca, 2014.

GROSGOUEL, Ramón. Actualidad del pensamiento de Césaire. Redefinición del sistema-mundo y producción de utopía desde la diferencia colonial. In: CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre el colonialismo*. Madrid, Spain: Akal, 2006.

GUILLAUMIN, Colette. *Racism, sexism, power, and ideology*. London, UK: Routledge, 1995.

HILL COLLINS, Patricia. The social construction of black feminist thought. *Signs*, n. 14, p. 745–773, 1989.

JOSEPH-GABRIEL, Annette. K. Beyond the great camouflage: Haiti in Suzanne Césaire's politics and poetics of liberation. *Small Axe*, n. 20, p. 1–13, 2016.

LOUIS, Patrice. *A, B, C.ésaire*. Aimé Césaire de A à Z. Martinique: Ibis Rouge Editions, 2003.

LOUIS, Patrice. *Aimé Césaire: Rencontre avec un nègre fondamental*. Paris, France: Arléa, 2004.

LUGONES, María. Multiculturalismo radical y feminismos de mujeres de color. *Revista Internacional de Filosofía Política*, n. 25, p. 61–75, 2005.

MALDONADO-TORRES, Nelson. The topology of being and the geopolitics of knowledge: Modernity, empire, coloniality. *City*, n. 8, p. 29–56, 2004.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Aimé Césaire y la crisis del hombre europeo. In: CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre el colonialismo*. Madrid, Spain: Akal, 2006.

MELLOR, Mary. *Feminismo y ecología*. Ciudad de México, México: Siglo XXI Editores, 2000.

MIGNOLO, Water. The geopolitics of knowledge and the colonial difference. *The South Atlantic Quarterly*, n. 101, p. 57–96, 2002.

MINA, Charo; MACHADO, Marilyn; BOTERO, Patricia; ESCOBAR, Arturo. Luchas del buen vivir por las mujeres negras del Alto Cauca. *Nómadas*, n. 43, p. 167–185, 2015.

RED DE FEMINISMOS DESCOLONIALES. Descolonizando nuestros feminismos, abriendo la mirada. Presentación de la red de feminismos descoloniales. In: ESPINOSA MIÑOSO, Yuderkys; GÓMEZ CORREAL, Diana; OCHOA MUÑOZ, Karina (Eds.) *Tejiendo de otro modo: Feminismo, epistemología y apuestas descoloniales en Abya Yala*. Popayán, Colombia: Editorial Universidad del Cauca, 2014.

VERGÈS, F. *Aimé Césaire: Nègre je suis, nègre je resterai*. Entretiens avec Françoise Vergès. Paris, France: Albin Michel, 2005.

WILDER, Gary. Thinking with Aimé Césaire. Response by Gary Wilder. 2013. Disponível em: <http://cesairelegacies.cdrs.columbia.edu/political-legacy/thinking-with-aime-cesaire/>. Acesso em 25 jul. 2019.

WILDER, Gary. *Freedom time: Négritude, decolonization and the future of the world*. Durham, NC: Duke University Press, 2015.